SEC. XVIII.

não levantariam tão cedo cabeça: e recebi muito contentamento com estas boas novas; posto que das de Fernão de Sá, vosso filho, acabar nesta guerra me desaprouve muito. Mas sendo tanto em seu logar e em cousa de tamanho meu serviço, não ha ahi que fazer-se senão dar-se a Nosso Senhor por tudo muitos louvores, como vejo que fazeis, o que vos agradeço muito. E quanto á determinação em que ficaveis de irdes á capitania do Espirito Santo, eu tenho por certo que quando vos parecesse meu serviço terieis cuidado de o fazer, e de prover em tudo conforme a confiança que de vós tenho. Em quanto ao que toca aos Francezes, e ás informações que delles e do que fazem me enviais, folguei de me avisardes de tudo tão particularmente. E porque por outra carta vos escrevo o que ácerca disso hei por meu serviço, não tenho nesta que vos dizer; somente que tenho por certo que assim mesmo me daes conta, procedereis conforme a importancia em cada uma dellas; e de maneira que me haja em tudo por muito servido de vós, e assim vos encommendo muito que o façaes, e que tenhaes destas cousas o cuidado que de vós espero.

»Os poderes que pedis vos mando, conforme aos de que usava Thomé de Sousa, por provisões de fóra para o que cumpre a bem da justiça; e assim podereis conhecer dos aggravos que o ouvidor faz ás partes, posto que caiba em sua alçada; e assim das mais cousas que apontaes não foi possivel irem-vos nestes navios; mas parece-me bem o que dizeis, e eu terei lembrança de se vos enviarem nos primeiros.

»Por diversas vias soube do muito favor que daveis aos padres da Companhia de Jesus, para o que cumpre ao serviço de Nosso Senhor; e recebi disso o contentamento que é razão e requer o intento que se teve no descobrimento dessas terras; que é ser Nosso Senhor nellas tão servido e seu nome tão conhecido e louvado como por tantas razões o deve ser. E porque o meio disto se conseguir é o dos ditos padres, que são tão virtuosos como sabeis, e que com todas as suas fôrças tanto procuram servir a Nosso Senhor, vos encommendo muito que tenhaes particular cuidado, como sei que tendes, de os favorecer e ajudar no que vos requererem e virdes ser necessario. Em quanto á carta que vi que vos parecia que devia de escrever á camara do Salva-

SEC. XVIII.

dor para que ajudasse e favorecesse os ditos padres na conversão dos gentios, vos envio com esta agradecer-vos e juntamente dares-lh'a, e trabalhardes para que assim o façam, dizendo-lhes o grande contentamento que disso receberei, e quanto me desaprazeria do contrario. E pois que como digo, pela pressa com que estes navios partem, não houve logar de escrever algumas cousas que quizera, por esta mesma razão não vae esta tão larga como tambem quizera; mas falo-hei nos primeiros navios. E entretanto vos encommendo muito que, do que toca a meu serviço nessas terras, tenhaes aquelle cuidado que eu confio de vós, e de sempre me escreverdes como fazeis, o que vos parecer.»

A carta régia para a camara da cidade do Salvador, mencionada na antecedente, era concebida nos seguintes termos:

«Vereadores e procuradores da cidade do Salvador. Eu a Rainha etc. Ainda que seja tanto de vossa obrigação favorecerdes e ajudardes aos padres da Companhia de Jesus, que nessas terras estão e andam na obra da conversão dos gentios dellas, assim pelas obras em que se empregam, como por suas muitas virtudes, e pela consolação que essa cidade com tal companhia deve receber, todavia sendo essas partes tão remotas, pelo que por esse respeito pode haver nos moradores dellas algum descuido, pareceu-me dever-vos escrever sobre isso, e encommendar, como encommendo muito, que queiraes haver por muito encommendado aos ditos padres, e os favoreçaes em tudo que para a conversão dos gentios e mais obras espirituaes for necessario; e que aos gentios que se fizerem christãos trateis bem; e não os avexeis; nem lhes tomeis suas terras; porque alêm disto assim ser razão e justiça, receberei muito contentamento em o assim fazerdes, pelo exemplo que os outros gentios receberão. Agradecer-vos-hei muito terdes destas coisas muita lembrança, e em efectuardes como confio; porque do contrario podéra deixar de me desaprazer muito».

Emquanto não recebia reforços que se lhe prometteram então, para expulsar os Francezes do Rio de Janeiro, seguiu Men de Sá occupando-se na Bahia em animar o adiantamento das obras da Sè, e o acabamento de um engenho, começado antes por conta do Estado. Porêm ao que mais que tudo se dedicou como assumpto que tambem lhe esta-

SEC. XVIII.

va recommendado foi a cuidar do gentio. Começou por fazel-o reunir em grandes pegulhaes, ás ordens de um *meirinho* ou principal d'elles mesmos, aggregando-lhes parochos da Companhia de Jesus; quer dizer, começou por organizar de cada quatro ou cinco tabas ou aldêas indias uma só *missão*; instituação esta que depois cobrou tanto desenvolvimento em outros districtos, em favor da mesma Companhia. Então se fundou a missão de S. Paulo sobre o rio Vermelho, proximo da cidade; a do Espirito Santo, no rio de Joanne, e outras. A todos os Indios visinhos da Bahia, prohibiu Men de Sá com graves penas a anthropophagia [1]. Um principal da ilha de Cururupeba despresou esta prohibição, e proseguiu em suas bachanaes. Soube-o o governador, e logo o mandou prender por uma partida que confiou a Vasco Rodrigues de Caldas. Foi ao principal tão proficua esta prisão de quasi um anno que veiu a ser um dos melhores amigos dos colonos. Cada nova experiencia vinha confirmar com quanta verdade escrevera ao rei a camara da Bahia: «Se V. A. quizer tomar informações por pessoas que bem conheçam a qualidade do gentio desta terra, achará que por mal e não por bem se hão de sujeitar e trazer á fé; porque tudo o que por amor lhe fazem attribuem é com medo e se danam com isso.»

Estavam ja, pelo terror, os gentios á roda da Bahia sujeitos, excepto os do Paraguassú, que caiam de improviso sobre as canoas dos nossos sempre que podiam. Uma occasião apoderaram-se de alguns escravos africanos, e intimados para os restituirem, o recusaram fazer. Para obrigal-os mandou o governador contra elles, com alguma gente, o mencionado Caldas. Este ousado caudilho saíu a acommettel-os, e sem perda de nenhum christão, de tal arte deu nos barbaros que, como diz um contemporaneo jesuita [2], «quebrou o encantamento dessa gente», que era tal que ás suas terras ninguem atéli ousava aproximar-se. O resultado immediato foi a submissão de alguns principaes, e a entrega pontual de quanto haviam tomado, não só os castigados, como os visinhos.

Duas entradas mais, com igual exito, que por esse lado fez o mesmo Caldas, acabaram de submetter de todo o gen-

[1] Nobrega, Carta a Thomé de Souza em 1559.

[2] Nobrega em 1559.

SEC. XVIII.

tio desse destricto, que era o primeiro a implorar nossa amisade, apenas se persuadia de que o não temiamos. Taes resultados acabaram de convencer a Men de Sá, como tinha chegado tambem pela propria experiencia a convencer a Thomé de Souza, de que o bem áquelles miseraveis canibaes devia ser feito á fôrça, e apezar delles [1], que por não conhecerem a caridade evangelica nem a piedosa philantropia, não julgavam possivel que outros homens se votassem exclusivamente ao seu bem, como nos diz a historia do christianismo que, com a maior abnegação, se tem votado tantos martyres, muitos dos quaes glorificamos em nosso kalendario. Facil era de ver que o Indio, criança pelo entendimento, só podia ser bem conduzido pela civilisação, tendo sobre elles os chefes a mesma autoridade e supremacia carinhosa que sobre os filhos e pupilos concede a nossa legislação aos pais e tutores.

Começava Men de Sá a dedicar-se a formar um plano ácerca do melhor meio de civilisar neste sentido os Barbaros, quando ali chegou noticia de como outros Barbaros tinham em grande aperto a capitania dos Ilheos, e de que seus habitantes, até então em paz, ao ver os inimigos começavam, possuidos de um inexplicavel panico, a fugir e a abandonar os engenhos, ficando restringidos á povoação, onde por unico sustento estavam reduzidos ás laranjas que colhiam de alguns quintaes.

Partiu o governador em pessoa a soccorrel-os e tanto a tempo que, se tardára um pouco, se houveram rendido todos, ja quasi sem espiritos vitaes.

Men de Sá desembarcou com a sua gente á meia noite; e aproveitando-se da escuridade, que parecia maior a quem não conhecia a terra, seguiu para o sul, em busca dos inimigos que lhe não fizeram frente, e, deixando-o pelo contrario passar, começaram a hostilizal-o pela retaguarda. Então o bravo Vasco Rodrigues de Caldas, de cujos serviços temos feito menção, resolveu replicar-lhes com uma manobra igual, e, embuscando-se, caíu sobre elles quando passavam. Como porêm eram grandes nadadores, e o mar estava perto, lançaram-se todos a nado; o que vendo os nossos, seguiram-os com os Indios amigos; e sobre as aguas

[1] O P. Nobrega 1559.

SEC. XVIII.

do mar, a grande distancia [1] da praia, se travou uma peleja a nado, como não sabemos de outra tal; mas não nos admire:—que para se hostilisarem serão os homens capazes de vir a combater nos ares. A victória se decidiu em favor dos nossos nadadores.

Outros feitos teve ainda que louvar e premiar o governador nesta pequena campanha ao mesmo Caldas, cujo esfôrço reanimava os outros, de modo que, se elle houvera antes estado nos Ilheos, não consentira a vergonha que passaram os seus habitantes de se encurralarem, em número de mais de mil, a ver o inimigo em frente, matando-lhe seus gados, e destruindo-lhes todas as fazendas sem ousar dar-lhe o merecido castigo; caindo sobre elle a ferro e fogo.

Atemorisado o gentio pediu pazes, e Men de Sá, concedendo-lhas, julgou poder voltar á sua capital; e assim o poz em execução.

1559, Nov. Pouco depois chegava á Bahia, commandada pelo capitão mór Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha, a armada destinada a ir contra os Francezes, devendo receber de Men de Sá as ordens convenientes sobre o modo de os aggredir, indo atacal-os, ou obrigando-os pelo bloqueo. Ao mesmo tempo entrava na Bahia o novo bispo D. Pedro Leitão. Tratou logo Men de Sá, ajudado da influencia deste prelado e dos jesuitas, de reunir todos os gentios alliados e homens de guerra que se julgou poderem dispensar-se na cidade do Salvador; e para a capitania de S. Vicente escreveu Sá que com as fôrças de que podessem dispor, pois que tanto lhes ia a seus interesses, se achassem á barra do Rio de Janeiro no dia que aprazou, e em que elle com a fôrça da Bahia contava ali chegar. Para sollicitar este refôrço de S. Vicente se offereceu o Padre Nobrega, que estava na cidade do Salvador, por haver ahi regressado depois da partida e naufragio do primeiro bispo.

Assim prevenido, partiu Men de Sá para o sul. Compunha-se a sua armada de duas náos e oito embarcações menores, que chegadas á barra do Rio de Janeiro, nella esperaram que se lhes reunisse um bergantim e muitas canoas de guerra vindas da capitania de S. Vicente [2], para entra-

[1] De uma grande legua, diz o P. Nobrega a quem devemos esta narração.

[2] Carta da Camara de S. Paulo de Piratininga de 20 de Maio de 1561.

SEC. XVIII.

rem na enseada. Aos da fortaleza que, como vimos, estava construida na ilha, que ainda hoje se chama corruptamente de Villagalhão [1], intimou o governador por escripto que se rendessem, ao que elles «respónderam soberbamente.» A ilha tinha de natureza aos estremos dois pequenos morros, e em cada um delles haviam os defensores construido grandes rancharias; e sobre o meio, em cima do rochedo que se elevava uns cincoenta ou sessenta pés [2], ficava a casa abaluartada do governador. As vivendas construidas eram de madeira e cobertas de palha, ao modo dos

1560, Março, 15. selvagens. Resolvido o ataque, começaram os nossos a desembarcar na ilha, e a assestar nella artilheria, com a qual e a das náos combateram a fortaleza por dois dias e duas noites até que os Francezes, sem agua nem polvora, capitularam [3] em número de setenta e quatro, e alguns escravos; aos quaes depois se uniram mais de quarenta, dos de um navio aprezado, e de outros que andavam em terra. O número dos gentios que estavam em favor dos Francezes orçava o governador em mais de mil; «tudo gente escolhida, e tão bons espingardeiros como os Francezes.» Villegagnon não se achava então na ilha, havendo partido para França oito ou nove mezes antes. Nunca mais voltou ao Brazil, e annos depois o encontramos reclamando indemnisações, á embaixada portugueza em Pariz, as quaes naturalmente foram satisfeitas [4].

Na capitania de S. Vicente ordenou Men de Sá que se effectuasse de todo a mudança da villa de Piratininga [5] para junto da casa de S. Paulo construida pelos Jesuitas no alto. Foi levado a isso pelas insinuações dos padres que lhe fizeram ver como ficariam assim mais ao abrigo dos assaltos dos

[1] Assim lhe chamou ja Diniz na sua notavel, mas hoje pouco lida ode (a 43) a Men de Sá:

«E que, oh Villagailhão, que te valeram
Os altos muros que vaidosa alçaste,
E de merlões soberbos coroaste?»

[2] Marc Lescarbot, «Hist. de la France Antartique», p. 207, citado pelo senhor Ferdinand Denis, no «Brésil» de «L'Univers», p. 44.

[3] Men de Sá, em officio de S. Vicente, de 19 de Junho, diz que «negociára» com a guarnição. Thevet (Cosmog. f. 908 v.) diz que se entregára esta «par composition»; e acrescenta, que só havia no forte dez Francezes: mas sua autoridade é dada por suspeita pelos proprios contemporaneos. Tambem cae em dizer, que a esquadra de Men de Sá se compunha de «26 navires de de guerre et quelques vaisseaux à rame», fol. 908 v.

[4] Da carta do embaixador João Pereira Dantas (R Arch., P. 1.ª, M. 106, Doc. 45, de 10 de Janeiro de 1563) consta que esta era a opinião do embaixador, e até a da sua Côrte, e que aquelle julgava chegada a occasião de o attender «para o callar.»

[5] Carta da Villa de Piratininga de 20 de Maio de 1561.

SEC. XVIII.

Barbaros do que á beira do rio. Tambem resolveu segundo o practicado na Bahia fazer aos Indios contrarios guerra aberta. Para esta se preparou uma expedição, que embarcando-se no Tieté, seguiu até um porto, donde, levando os expedicionarios as canoas por terra, chegaram ao rio dos inimigos. «Esperamos em Nosso Senhor (ajunta Anchieta ao dar a noticia), pois este é o remedio com que esta *brava* geração se quer [1]... não tenhamos inveja aos da Bahia.» Ahi providenciou tambem o governador a ida ao sertão, em busca de ouro, do provedor Braz Cubas, com um Luiz Martins, mineiro vindo do Reino. Os desta jornada que, se fôram gente entendida encontrariam ouro no proprio morro onde estava a casa de S. Paulo, andaram, segundo o dito Cubas [2], umas trezentas leguas sem fructo; mas, ao voltarem dessa cançada digressão, o acharam «mui perto»; naturalmente para as bandas de Jaraguá.—Em 1562 se mandavam as amostras delle, bem como de umas pedras verdes que *pareciam esmeraldas*. Estas eram provavelmente as conhecidas turmalinas, que tanto deram depois que fazer.

Men de Sá, regressando á Bahia, aportou no Espirito Santo. O velho donatario Vasco Fernandes Coutinho, que no anno seguinte (1561) falleceu exhausto de soffrer e de não saber governar, fizera ahi, em mãos do ouvidor, renuncia á corôa da sua capitania; e os colonos que estavam ja decididos a evacual-a, vieram ao governador, acompanhados das mulheres e dos filhinhos, e lhe pediram encarecidamente que fizesse com que elrei a tomasse. De tudo se lavrou auto, antes de Men de Sá proseguir viagem; o que effectuou, havendo nomeado capitão mór do Espirito Santo o bravo Belchior d'Azeredo [3] que tão heroicos serviços prestou depois, e que agora fôra ao governador proposto pelos da terra. Men de Sá desde que vira os portos do Rio de Janeiro e do Espirito Santo, e fizera a comparação, não se lembrou mais da idea de fundar uma *cidade real* nesta ultima capitania, e pelo contrario insistiu de continuo pela excellencia do primeiro porto, onde voltou, para adquirir tanta gloria.

Por outro lado entretinha Men de Sá a actividade com enviar muitos praticos da terra a exploral-a pelos logares em que havia suspeitas de minas, e donde se contavam

[1] Vej. ante Secç. XIII, p. 179.
[2] Carta de Cubas a elrei, de 25 d'Abril de 1562, na Coll. do A.
[3] An. do Rio de Janeiro, I, 321.

SEC. XVIII.

maravilhas. Antonio Ribeiro, e a gente toda que levava, foram tragados pelos Barbaros em uma traiçoeira cilada. Vasco Rodrigues de Caldas começou então a mostrar para quanto era nestas emprezas.

Porém novos perigos vinham reclamar os cuidados do governador em outra capitania:—na de Porto Seguro, ameaçada de perder-se inteiramente, succumbindo á anarchia e ás assoladoras invasões de uns novos inimigos que, com o nome de Aimorés[1], ali se apresentaram chegados do sertão; e os quaes havidos pelos outros Barbaros por mais que barbaros, falavam uma lingua inteiramente desconhecida, e tinham usos estranhos a todo o mais gentio do Brazil. Não construiam tabas nem tujupares; não conheciam a rede, e dormiam no chão sobre folhas; não agricultavam; andavam em pequenos magotes; não sabiam nadar, mas corriam muito, não havendo outro meio de se lhes escapar mais do que o de entrar n'agua, se a havia perto; arrancavam a fala com muita fôrça desde a garganta; e (o que era mais para temer) eram anthropophagos, não por vingança e satisfação de odios inveterados, mas por gula. Tudo induz a acreditar que eram da mesma nação representada pelos chamados agora Purís, que tambem, como este nome[2] o expressa, são gulosos de carne humana, e preferem, como se conta dos tubarões d'Africa, á carne dos brancos a dos negros, a quem designam por «macacos do chão». E' horroroso escrevel-o; e asseguramos que o animo quasi se nos soçobra ante semelhantes factos; mas o amor á verdade e o desejo de nos justificarmos do porque não admiramos a salvageria, e attribuimos o estado social e parte do que chamamos humanidade e caridade ao beneficio das leis e ainda mais da religião, nos obriga a não occultar os argumentos que nos movem. Nem se diga que nisso attentamos contra o Criador, que segundo a nossa mesma crença o homem depois da mancha da e do vicio do peccado de nossos primeiros pais, não pode purificar-se senão pela agua do baptismo, e a graça da revelação. Onde estavam e como vieram do sertão estes alarves tapuyas que

[1] Este nome da nacionalidade foi naturalmente dado pelos Tupis. Aimoré na costa do Brazil é um peixe como o enxarroco, e de ovas muito peçonhentas. Os antigos escreviam: Gaimurés, e ás vezes sem accento Gaimures.

[2] Purís é o mesmo que Purûs, e quer dizer (Vej. p. 102) antropophago.